



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

FERNANDO LANHAS

(1923)

Arquitecto-pintor, poeta, astrónomo, coleccionador de seixos, de que aprecia as texturas pardas, Fernando Lanhas é um dos pioneiros da abstracção geométrica em Portugal. Este homem, para quem a arte é, antes de mais, conhecimento do mundo, irá desenvolver, ao longo da sua carreira, uma concepção original da pintura, como cálculo racional, reflexão ascética, equilíbrio traduzido na ordem geométrica.

Nascido no Porto (1923), Fernando Lanhas matricula-se no curso de Arquitectura da Escola de Belas-Artes do Porto, em 1942. Para a escola, leva uma curiosidade rara pelas disciplinas de astronomia, geofísica e arqueologia, mas igualmente pela pintura, que pratica, primeiro, em obras de teor figurativo (*Meninas e Barco* ou *Praia do Castelo*, 1943...), pouco depois, enveredando por uma pesquisa sobre a forma geométrica, que expõe, pela primeira vez, em 1945, na III Exposição Independente (Lisboa). A obra apresentada – *0.2-43-44* ou *O Violino*, hoje na colecção do CAMJAP – constitui então o manifesto isolado de um entendimento da arte que diferencia Lanhas dos seus companheiros de geração, no panorama artístico português da década de 40, galvanizado com a afirmação do Neo-Realismo, como corrente plástica e projecto revolucionário.

Austera, *0.2-43-44* é-o duplamente, por via da cor, reduzida à combinação elementar de tons térreos, e da forma, limitada ao jogo ritmado de linhas rectas oblíquas que atravessam o espaço plano. A tinta texturada atribui ao quadro valores matéricos, não sem relação com a poética dos elementos naturais e da terra, que interessam a Lanhas e que o levam, desde 1949, a experiências com pigmentos obtidos a partir de pedras moídas ou à utilização de seixos como suporte da pintura.

Em Lanhas, não são as convulsões ou os movimentos sociais, antes a natureza, os movimentos geológicos, a ordem insondável do cosmos que lhe orientam a investigação plástica. Esse caminho conduzi-lo-á à síntese da forma e da cor, num programa de grande coerência formal, a que se manterá fiel ao longo da sua carreira. Mas o trabalho deste investigador nato não se confina à especulação em torno da forma geométrica. A vocação humanista de Lanhas, a sua capacidade de trabalho revelam-se ainda num interesse plural por todas as formas de conhecimento.

Além do trabalho de arquitecto, que mantém a par de projectos de âmbito museológico (foi, até 1993, director do Museu Etnográfico e Histórico do Porto), é também cientista, com estudos no campo da arqueologia, da

etnologia e da astronomia (*Mapa Arqueológico do Porto*, 1963; *Estrutura para Inventariação Arqueológica*, 1964...).

Presente nas primeiras manifestações de divulgação da arte abstracta em Portugal (desde os anos 50), Lanhas foi dos poucos da sua geração (como Nadir Afonso ou Joaquim Rodrigo), a tentar uma via de exploração racional da forma geométrica, no campo da arte não-figurativa, enquadrando a sua pesquisa num corpo coerente de conceitos. É, por isso, um dos casos isolados no contexto português, pela sua compreensão da projecção geométrica como síntese universal ou modelo da harmonia cósmica, de que deriva o seu concretismo de raiz idealista ou anti-materialista. A utopia da forma geométrica como forma ecuménica corresponderá, em Lanhas, a um programa rigoroso, traduzido na redução da pintura a uma equação de elementos visuais simples (linhas rectas, paralelas ou oblíquas, círculos, semicírculos, planos de recorte geométrico ou orgânico), na ascense da cor (cinzas, ocres, azuis-céu, brancos), no conceito serial do trabalho plástico, que o leva a substituir os títulos descritivos por abreviaturas, como no óleo *0.42-69* da colecção do CAMJAP: plano uniforme de azul pálido, combinação assimétrica e rítmica de linhas e arcos-de-círculo, numa sintaxe minimalista nos efeitos plásticos que o artista retomará nas colagens e em alguns desenhos. Note-se que o desenho é também, para Lanhas, a ocasião de uma libertação expressiva, quer dizer, nem sempre assistida por um programa de concepção racional.

Membro honorário da Academia Nacional de Belas-Artes, homem de rara cultura, tem sabido assumir um percurso original de procura da racionalidade em arte. Numa época de tensão cultural enquistada na crise do Sujeito, tem podido entendê-la como experiência cognitiva de integração do Homem no Mundo, irreduzível ao jogo efémero das paixões e dos afectos.

ANA FILIPA CANDEIAS

Bibliografia

AAVV, *Fernando Lanhas*, Porto, ASA/Fundação de Serralves, 2001. (Catálogo)
CHAVES, Joaquim Matos, *Fernando Lanhas: Pintura – Desenho*, Porto, Galeria Quadrado Azul, 1992. (Catálogo)
GUEDES, F., *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

Na colecção

2 pinturas, 1 gravura